

A UE REPRESENTA UMA AMEAÇA MUITO MAIS CRÍVEL PARA A RÚSSIA DO QUE O CONTRÁRIO

Lavrov afirma que a Rússia não atacará a Europa, mas que responderá com força total se for provocada; enquanto a Polônia expande o exército e a UE planeja bilhões em rearmamento, Moscou vê ameaça uma existencial e alerta para uso nuclear em defesa de sua soberania.

Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O Ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov, reiterou sua política de longa data em uma entrevista recente, afirmando ao seu interlocutor: “*Não vamos atacar nenhuma parte da Europa. Não temos absolutamente nenhum motivo para fazê-lo. E se a Europa optar por concretizar suas ameaças de se preparar para uma guerra contra nós e começar a atacar a Rússia, o presidente disse que não se tratará de uma operação militar especial de nossa parte, mas sim de uma resposta militar em grande escala, com todos os meios militares disponíveis, em conformidade com os documentos doutrinários sobre o assunto.*”

Para esclarecer, a Rússia nunca teve planos de arriscar uma Terceira Guerra Mundial invadindo os Estados Bálticos e/ou a Polônia, cujas populações hostis também representariam uma ameaça permanente à segurança em qualquer ocupação. Todas essas declarações em contrário são simplesmente um reflexo do que pode ser descrito como o trauma dos períodos mais sombrios de sua história conturbada com a Rússia, cujos detalhes estão além do escopo desta análise. Basta saber que não há fundamento para as alegações de um revanchismo russo militante contra eles.

Dito isso, não há dúvida de que a [Polônia](#) e o restante de seus aliados europeus da OTAN, em geral, representam ameaças críveis à segurança da Rússia, mas sua natureza está em constante evolução e o [tipicamente cauteloso Putin](#) não autorizará um primeiro ataque sob o risco de desencadear a Terceira Guerra Mundial. Antes do desenvolvimento de mísseis hipersônicos pela Rússia, a infraestrutura de defesa antimíssil dos EUA na Polônia minava a capacidade russa de realizar um segundo ataque nuclear, mas essas [armas restauraram](#) a paridade estratégica ao neutralizar essa ameaça.

A mais recente ameaça polonesa à Rússia diz respeito ao seu crescimento militar sem precedentes, que a levou a comandar o [maior exército da UE](#), com mais de 215.000 soldados, com planos de chegar a [300.000 até 2030](#) e [meio milhão até 2039](#) (dos quais 200.000 seriam reservistas). “[A Alemanha está competindo com a Polônia para liderar a contenção da Rússia](#)”, enquanto a UE promulgou o “[Plano de Rearmamento da Europa](#)” de € 800 bilhões no ano passado, e todas essas reservas chegarão rapidamente à fronteira russo-bielorrussa devido ao “[Acordo de Schengen militar](#)”.

Isso se refere ao pacto firmado no início de 2024 entre Holanda, Alemanha e Polônia para facilitar a movimentação de tropas e equipamentos através de suas fronteiras, com planos para que [Bélgica](#) e [França](#) também se juntem. O [flanco oriental](#) da OTAN também está se militarizando rapidamente, não apenas em termos de dobrar a aquisição de armas e o número de recrutas, mas também em relação à infraestrutura física. A “[Linha de Defesa da UE](#)”, que liga a “Linha de Defesa do Báltico” e o “Escudo Oriental” da Polônia, está se transformando rapidamente em uma nova Cortina de Ferro.

O mais preocupante é que a [Estratégia de Defesa Nacional de Trump 2.0](#) declara que “a OTAN europeia supera a Rússia em escala econômica, população e, portanto, poder militar latente”, e tudo isso precisa ser gerenciado adequadamente para conter a Rússia da maneira mais eficaz. Embora a Rússia esteja vencendo a “[corrida logística](#)”/“[guerra de desgaste](#)” com a OTAN na Ucrânia, será cada vez mais difícil manter sua liderança, e a potencial “anulação” de suas capacidades pela UE poderia se tornar uma ameaça existencial caso um conflito de fato venha a eclodir.

É com esse cenário em mente que Lavrov insinuou fortemente que a Rússia empregaria armas nucleares em resposta a qualquer hipotética invasão da UE. Se os EUA supervisionarem a otimização do complexo militar-industrial da UE, da logística militar e de outras questões relacionadas à defesa, o desafio que a Rússia poderá enfrentar em sua fronteira ocidental poderá ser semelhante ao de junho de 1941. Diferentemente daquela época, a Rússia agora é uma superpotência nuclear, e esse pode ser o único fator que dissuade a UE de invadi-la.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
